

“É um lugar só”: sociabilidades e conflitos em um espaço público no Recife

*Normando Jorge de Albuquerque Melo**

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa sócio-antropológica na qual investiguei os subterrâneos de práticas desviacionistas do uso do espaço destacando as tensões e disputas que emergem no processo de produção do espaço urbano. Tomei como referencial empírico um dos cruzamentos do Bairro da Boa Vista, no centro do Recife-PE, autodenominado FUN FASHION. Ali pude identificar um processo de reapropriação do espaço marcado pelo uso do lazer, embora não exclusivamente. A observação direta e as entrevistas semi-estruturadas realizadas com um grupo de jovens praticantes do lugar me permitiram uma aproximação da dinâmica que ali se desenvolvia, suas bases, procedimentos, efeitos e possibilidades. Em confronto com as forças da moral e da ordem, mas com a bênção da noite, aquele cruzamento parece configurar-se como uma “mancha” (neste caso, significando aquela situação nas brincadeiras de “pega” em que o indivíduo se encontra livre) onde todos “se permitem”.

Palavras-chave: *Cidade; Astúcias; Lugar.*

ABSTRACT: This article is the result of a socio-anthropological research in which I investigated the underground deviationists practices of using space accent the tensions and disputes that arise in the production process of urban space. I took as an empirical benchmark of the intersections of the District of Boa Vista in the downtown Recife-PE, self-styled FUN FASHION. There I was able to identify a process of reappropriation of space noticeable by the use for leisure, although not exclusively. The direct observation and the semi-structured interviews with a group of young practitioners have allowed me to set an approximation of the dynamics that unfolded there, its bases, procedures, purposes and possibilities. In confrontation with the forces of morality and order, but with the blessing of the night, that intersections seems to configure itself as a "stain" (in this case, meaning that the situation in the games of "hide and seek" in which the individual is free) where all "Allowed."

Keywords: *City; Astuteness; Place.*

INTRODUÇÃO

A cidade é “a coisa humana por excelência”, diz-nos Lévi-Strauss (1970). É exatamente esta sua humanidade que faz a cidade interessante aos olhos do cientista social. A cidade não é somente pedra, cal e asfalto; ela é também os homens e as mulheres que por ela circulam e que a praticam todos os dias. E é nesse cotidiano, lugar da improvisação e da resistência ao poder, que identificamos a emergência das várias formas de reapropriação/reinvenção do espaço, construtoras de novas paisagens marcadas pela informalidade que agride

* Doutorando em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ) e Vice-Coordenador do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros (NASEB/UFPE).

a ordem da cidade eminentemente narcisista, preocupada com o seu capital simbólico. Olhar a cidade pela janela do cotidiano, pois, permite-nos ver uma paisagem complexa, marcada pelo intenso dialogismo ordem-desordem, no qual estão em jogo várias formas de esconder e de localizar.

Foi no Recife, capital pernambucana, que vi se desenrolar pela primeira vez o drama da cidade, que paga o seu tributo diário à teatralidade. Como um projeto de ordem, a cidade procura combater tudo aquilo que parece obedecer ao acaso, e não ao determinismo de esquemas pré-fixados de organização; no entanto, pela borda e pela brecha da paisagem hegemônica disseminam-se paisagens transversais (De Certeau, 1994). Há uma cidade inteira sendo disputada. De canto a canto, por onde andarmos encontraremos o mesmo processo, pelo qual os indivíduos reapropriam-se do espaço e reinventam-se com ele. Moradia, fé, trabalho e lazer são expressões deste processo de reapropriação/reinvenção cotidiana do espaço – bem menos separadas entre si do que eu apresento aqui. Compõem uma cidade inteira que aparece, desaparece e torna a aparecer. Uma cidade que é só de sábado ou de domingo, às vezes a semana inteira, sem hora, às vezes só durante a noite ou dia. Cidade provisória, cidade fumaça, que chega de carro-de-mão, bicicleta, mochila ou caixa de papelão. Cidade informal que não consta nos mapas oficiais, nem figura nos cartões postais; porém, mais visível do que as fantasmagorias que a cidade ilumina.

Essas ocupações/ usos irregulares florescem como que regados pela impotência do Estado, pela espoliação do Capital, pelo consentimento sutil da sociedade – ainda que estas mesmas instituições os rechacem – e pelas “astúcias” de que nos fala De Certeau (1994). Essas “astúcias”, “maneiras de fazer”, “modos de operação”, “esquemas de ação”, “caça não autorizada”, “arte de dar golpes”, “inventividade artesanal”, “criatividade dispersa, tática e bricoladora”, entoam uma só nota: os indivíduos não se entregam passivamente à disciplina e escapam ao poder, sem, no entanto, deixá-lo. Foi sob este ângulo que pude observar a dinâmica de um escuro cruzamento do Bairro da Boa Vista, no centro da cidade do Recife-PE, reconhecido como FUN FASHION, ou simplesmente, FUN.

A CIDADE

A investigação das práticas desviacionistas do uso do espaço nos leva ao problema da ordem e da desordem na cidade, ou antes, às tensões produzidas nesta relação, simultaneamente complementar, antagônica e concorrente. Ora, *“a ordem reinante serve de suporte para produções inúmeras, ao passo que torna seus proprietários cegos para essa criatividade”* (De Certeau, 1994, p. 50) – eis o lugar das “astúcias”.

Observada em sua longa-duração, a cidade desenvolveu-se em uma direção: o ordenamento. Se a aldeia se distinguia da savana, criando a oposição entre o “dentro” e o “fora”; a cidade murada tentou controlar os fluxos. A cidade representa um lugar – um “próprio” – que pode ser circunscrito, e que desta forma serve de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta – os seus “outros” (De Certeau, 1994). Como bem lembra Kasper (2006), “próprio”, em francês (*propre*), tanto significa “próprio”, como “limpo”, resgatando a dimensão da “pureza”, ou antes, da “ordem”. A cidade, como local onde (e de onde) o poder se exerce, foi construída segundo esse modelo discursivo. Nenhum outro gesto exprime tão bem a qualidade do esforço empregado na sua construção quanto o de “varrer”. Não é este o ato territorial por excelência? Não é para o ordenamento do ambiente que levam todos os caminhos da história da cidade?

Das utopias de Owen e Fourier ao pensamento de Le Corbusier, a nova ordem social é construída, justamente, abolindo o tempo, reconstruindo uma cidade nova, ordenada, na qual não apenas o sujo pode ser separado do limpo, mas na qual tudo pode ser predeterminado e, portanto, controlado (Decandia, 2003, p. 183).

Tudo o que ofende a ordem, que não está em conformidade com a imagem que se deseja construir, é tomado como sujo. E como não pode ser eliminada, pois é um subproduto imanente do esforço ordenador, a sujeira tenderá a compartilhar o espaço dos amantes e de todos aqueles cuja vergonha e/ou a indiferença impõe uma vida de sombra e segredo. Tal qual o indivíduo estigmatizado (Goffman, 1975), a cidade busca esconder os seus símbolos de

estigma, (ao mesmo tempo em que evidencia os seus símbolos de prestígio). *“Removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis, por não olhá-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles”* (Baumann, 2005, p. 38). Assim, o duplo movimento que caracteriza as relações de lugar e de visibilidade no processo de produção do espaço: excluir para esconder/esconder para excluir (Melo, 2004).

Entendemos, pois, a cidade como um campo em que as forças organizadoras da ordem e da concordância e as forças da discordância, do caos, da surpresa, do inesperado, se enfrentam em uma tensão permanente. Imbricadas nas redes de vigilância (que se expandem) disseminam-se as redes de anti-disciplina (que se encolhem). A cidade mostra-se rebelde, liga-se a um dinamismo de forças sem identidade legível, sem transparência racional e impossível de gerir, que escapa aos cálculos e revela a presença de conflitos humanos. A cidade é o que acontece enquanto está sendo planejada. *“O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”* (De Certeau, 1994), que escondidas, disseminam-se nos espaços definidos e ocupados pelos sistemas da produção.

A cidade é (re)inventada cotidianamente por heróis anônimos que se reapropriam do espaço e o recompõem. Aos poucos, ações pontuais de menor escopo, se impõem no campo visual inserindo-se na cidade da ordem, disputando-a. Estas presenças “irregulares”, identificadas com o direito de escolha da população, confrontam a autocracia da racionalidade técnico-burocrática. Configura-se uma situação de tensão entre a engenharia profissional comprometida com os padrões do saber oficial, e a engenharia marginal resultante das tecnologias do saber difuso (“astúcias”), orientada para sua reprodução.

A “astúcia” é uma força-fracas. Ela está para as “táticas”, como o “próprio” está para as “estratégias”. De Certeau (1994) opõe uma a outra. Se a “estratégia” é um cálculo que conta com um lugar que serve de base a uma gestão de suas relações com o “outro” (paradigma da cidade); a “tática”, por outro lado, não conta com uma fronteira que garanta a autonomia do seu campo de ação (um “próprio”) e portanto, “só tem como lugar o lugar do outro”, e ocupa-o (literalmente). *“São tanto menos visíveis como as redes do enquadramento se fazem mais apertadas,*

ágeis e totalitárias” (De Certeau, 1994, p. 94), perceptíveis somente pelas erosões que provocam nos lugares. Enquanto o “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo (pois que se deseja estável – ordem), a “tática” que não dispõe de base para capitalizar os seus proveitos e não consegue assegurar a sua independência diante das circunstâncias, depende e explora o tempo. A oportunidade faz a “tática”, ato e maneira de aproveitar a ocasião, e assim, escapa ao poder sem deixá-lo.

A sua produção não é fruto apenas de decisões conscientes. A cidade escapa às tentativas de disciplinamento institucional e acaba por se desenvolver pelas brechas destas mesmas tentativas de controle e disciplinamento, como a Fedora dos relatos de Marco Polo ao Kublai Kahn:

Em todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas enquanto construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes e o que até ontem havia sido um possível futuro hoje não passava de um brinquedo numa esfera de vidro (Calvino, 1990, p. 32).

A ação disciplinadora das políticas urbanas não é determinante no uso dos espaços. Ainda que esta ação seja quase sempre acachapante (ignorando os usos ordinários do espaço e operando um controle repressivo de seus usuários), o espaço não é praticado somente segundo as suas destinações oficiais. Longe de qualquer determinismo, trata-se de uma relação entre limites e possibilidades, na qual se inscrevem as contradições e conflitos existentes nas relações sociais, ainda que por vezes, permaneçam encobertos pelos vários tipos de cegueiras.

A FUN

Foi isso que me levou ao cruzamento da Rua José de Alencar com a Rua do Giriquiti, no bairro da Boa Vista, centro da cidade do Recife-PE. A luz do dia, e nas noites da maior parte dos dias da semana, aquele é um cruzamento bem comum. As ruas são relativamente estreitas e a circulação de carros e pedestres naquele cruzamento está muito abaixo do que se costuma observar em outros

pontos do centro do Recife. Em suma, mesmo o observador mais astuto, não iria supor que nas noites de sexta-feira aquele cruzamento seria tomado por representantes de várias tribos urbanas, com seus trajes e performances peculiares, a procura do que eles identificam como “diversão”. Aquele cruzamento era um velho conhecido meu (quando estudante de uma escola localizada no mesmo bairro), e a partir do ano de 2003 tornou-se um percurso rotineiro (quando professor de uma escola situada em uma rua adjacente). Percorrer essas ruas não me garantiu conhecer seus segredos, eles chegaram até mim por meio dos meus alunos, que nas noites de sexta-feira compartilhavam o mesmo destino de muitos outros jovens: a FUN FASHION.

De início, o local não despertou meu interesse, nem como boêmio. Havia um certo desprezo de minha parte em relação aquilo que para mim era uma “algazarra” (imagem pela qual eles se sentem e são vistos pela população em geral). Nunca cheguei a ser um freqüentador, nem mesmo depois da pesquisa (embora, sem o desprezo inicial). Esta só me surgiu no ano seguinte (2004), talvez como o resultado combinado de dois fatores: 1- a minha necessidade de estender para outros contextos a observação de práticas desviacionistas do uso do espaço urbano e as tensões e conflitos dela decorrentes que eu vinha desenvolvendo nas margens do Rio Capibaribe em um contexto habitacional (Melo, 2004); 2- e do acúmulo dos relatos que eu ouvia a cada semana dos meus alunos sobre seus desempenhos nas noites de sexta-feira. Constituído o interesse de pesquisa, esses mesmos alunos foram os meus guias de navegação naquele cruzamento, mostrando toda a sua expertise ao me apresentarem cada uma das “tribos” que protagonizam a dinâmica daquele espaço.

Durante quatro sextas-feiras consecutivas, entre fins de setembro e início de outubro de 2004, pude observar o espaço, suas práticas, seus freqüentadores e as relações que eles textualizam. As informações coletadas por meio de entrevistas semi-estruturadas e da observação direta, bem como as impressões que elas geraram neste pesquisador, foram sistematizadas e resultaram em um esboço para um artigo futuro, que acabou não vingando na ocasião. Entre 2004 e 2005, os telejornais locais passaram a veicular matérias sobre o lugar

semanalmente, apontando para os transtornos que os moradores da área passavam naquelas sextas-feiras e, sobretudo, para o consumo de álcool por menores de idade, além da venda de drogas ilícitas e da prostituição. Com a publicidade negativa que aquele cruzamento começou a ganhar, a polícia passou a se fazer presente (empreendendo algumas operações no local), e um ano depois (2005) eu fui atraído novamente por aquele campo com o propósito de retomar o projeto que estava engavetado. Daí seguiram-se mais quatro sextas-feiras consecutivas de observação direta e conversas informais, quase no mesmo período do ano em que realizei minha primeira investida de pesquisa (setembro/outubro). Novamente o artigo não veio.

Recentemente, quando eu já havia abandonado completamente aquele projeto, um encontro inesperado com um antigo freqüentador da FUN FASHION, que fora meu interlocutor em 2004, o trouxe novamente. Seis anos depois, ele, que já não freqüentava mais o lugar há uns três anos, me perguntara sobre a pesquisa (“em que ela tinha dado”). Eu disse que ela havia sido abandonada, mas que em resposta àquela cobrança, eu retomá-la-ia mais uma vez. Definitivamente, o destino dela não era a gaveta. Movido por um sentimento de dívida com aqueles que investiram na pesquisa, dedicando seu tempo e sua paciência ao pesquisador e compartilhando suas experiências com este, eu retornava ao velho cruzamento. Este reencontro permitir-me-ia observar como estava o lugar cinco anos depois da minha última visita de pesquisa e, sobretudo, rever o meu próprio trabalho, retificando ou ratificando minhas considerações de outrora.

Conforme já foi dito, cheguei na FUN FASHION em 2004, guiado por alguns de meus alunos e iniciei um processo de pesquisa com o interesse de observar a forma como se conduzia aquela experiência de reapropriação/reinvenção do espaço em função do lazer (lazer de uns e trabalho de outros). Eu queria saber como tudo aquilo havia começado, saber de que matéria bruta aquela dinâmica emergia. Para isto, apostei em uma análise que privilegiasse as trajetórias através do tempo-espaço. Aproximei-me de um grupo de freqüentadores que guardavam um pouco dessa memória. Eles contaram que quando começou em 2002, a FUN FASHION (ou simplesmente FUN) era um “fiteiro” na Rua do Giriquiti, próximo ao

Shopping Boa Vista. Neste “fiteiro”, além dos doces, pipocas, biscoitos e das miudezas em geral (que encontramos em um “fiteiro” típico), também vendia-se vinho e reproduzia-se músicas do gênero *tecno* e *rock* (permitindo que os freqüentadores ouvissem seus próprios CDs mediante pagamento).

Nas noites de sexta-feira, estudantes das escolas do centro (principalmente do Colégio Brasil, Colégio Alpha, Colégio Carneiro Leão, Ginásio Pernambucano, Escola Oliveira Lima, Colégio Municipal Pedro Augusto) rumavam para o lugar em busca do “divertimento da moda” (traduzindo do inglês Fun Fashion), formando uma massa que hoje atinge uma média de 300 pessoas. *“A gente começou a ir por curiosidade, pra ver o que era. Depois ia em busca do vinho, da música, da dança, da companhia, da resenha, da farra, do divertimento, da liberdade”* (João – 18 anos).

Cada um escolhe o motivo pelo qual quer ir para a Fun Fashion, existem aqueles que vão para se encontrar com os amigos e a namorada, existem aqueles que saem do trabalho, escola ou faculdade e querem sair para beber e curtir a noite de sexta, existem também aqueles que querem sair para fugir dos pais para beber, fumar e fazer aquilo que não podiam fazer no cotidiano (Lucas – 18 anos).

Nesta primeira fase da FUN FASHION, ela atraía um público proporcionalmente menor e menos diversificado do que aquele que conheci em 2004, segundo os jovens que freqüentavam o espaço desde o início. Uma centena de “roqueiros”, é como poderia ser definido o público que se reunia em torno do fiteiro na Rua do Giriquiti. Jovens de ambos os sexos, entre os 14 e os 20, vestidos de forma característica: jeans folgado, camisas pretas com emblemas de bandas de rock, botas, sobretudos, maquiagem pesada e adornos metálicos (pulseiras, anéis, crucifixos enormes, alargadores e *piercings*), começavam a chegar a partir das 18:00 horas e as 19:00 o lugar estava “bombando” (lotado). As proximidades do fiteiro ficavam tomadas pelos jovens que se aproveitavam do pequeno fluxo de automóveis daquela rua para circular livremente.

Eles podem chegar sozinhos, esperando encontrar algum conhecido que já esteja no local, e nesse caso, “tanto faz você encontrar um grupo e passar a noite conversando, como não encontrar ninguém e ficar a noite toda sozinho” (José – 18 anos). Mas em geral, os grupos já chegavam no lugar formados, em função principalmente das relações que os jovens mantinham nas suas escolas de origem. Isso não quer dizer que eles permaneciam isolados e não faziam novos contatos (no entanto, mesmo que os indivíduos circulassem por outros grupos, regressavam sempre ao grupo de origem fazendo prevalecer os laços construídos fora daquele espaço). Havia sempre a namorada ou o amigo de alguém do outro grupo que proporcionaria os primeiros contatos, a paquera que aproximaria, o encontro casual de olhares, um comentário mais alto que despertaria o interesse. Mesmo uma camisa poderia servir de motivo para se estabelecerem os primeiros contatos. Conforme evidenciou João: *“A gente começou a se falar por causa da camisa que ele tava usando. Eu gostei do que tinha escrito e pedi pra ele se virar pra eu ler. Aí a gente ficou conversando... eu também era fã daquela banda”*.

Ali reunidos, eles consomem álcool (ainda que não tenham idade adequada), fumam, dançam, conversam e dão “longos pegos (beijos e abraços) atrás das árvores, encostados no muro”, favorecidos pela pouca iluminação do local e pela ausência dos aparelhos coercitivos institucionais. Eles afirmam nunca terem visto tráfico no local. A maconha era consumida sim, mas ela era levada por aqueles que pretendiam consumi-la. Eles se referem tanto à primeira fase da FUN FASHION, como ao período em que a pesquisa estava sendo realizada, sua segunda fase (marcada pelo aumento do público, de sua faixa etária e de sua diversificação). Nenhuma matéria havia sido veiculada na imprensa local até então, e não se via a polícia no local.

Em meados de outubro de 2003, a FUN FASHION foi fechada sob a alegação de que o “fiteiro” não tinha autorização para ocupar aquele local, tendo o mesmo sido retirado. Os freqüentadores atribuem o fato as queixas dos moradores por conta do barulho que não tinha hora para acabar (embora o local já estivesse completamente esvaziado às 22:00 horas, quando os jovens começavam a seguir para os pontos de ônibus); e principalmente, as pressões

exercidas pelo Shopping Boa Vista, que achava que a atividade naquele local lhe transmitia uma imagem negativa. Eles não eram rejeitados enquanto freqüentadores deste shopping, mas recebiam atenção especial dos seguranças, dizendo-se assediados pelos seguranças. Pedro diz entre risos: “Acho que eles tinham medo da gente”. Leite (2004) aponta para uma diferença de abordagem da polícia em dois pólos do Recife Antigo. No pólo do Bom Jesus (que transmitia uma imagem ordeira), a polícia ficava do lado de dentro vigiando os indesejáveis do lado de fora; no pólo Rua da Moeda (cuja imagem era da “desordem”), a polícia ficava do lado de fora, vigiando os indesejáveis do lado de dentro.

Aquele número demasiadamente grande de indivíduos aglomerados em função de um sentido de liberdade via álcool, sexo e drogas, começou a turvar a “ordem pública” – ordem social, moral, estética. Estas presenças são consideradas impuras, perigosas, pois que ligadas a práticas que não estão em acordo com os princípios de “civildade”, de “urbanidade”. Também parece fortalecer sua imagem negativa, o fato de que este lugar é marcado pelo uso do lazer, em desacordo com a moral trabalhista-produtivista que se impôs como a principal fonte de identidade e sociabilidade, excluindo todos aqueles que não têm familiaridade com ela (De Masi, 2001). Isso não quer dizer que a reapropriação/reinvenção do espaço pelo/para o uso do trabalho não encontra obstáculos (também houve perseguição a feiras livres e camelôs), mas enquanto o trabalho “dignifica o homem” e justifica em parte as ocupações irregulares do espaço, o ócio não faz nada disso. Ao contrário, “fonte dos maus vícios”, o ócio acaba por reforçar a imagem de desordem que a combinação juventude-álcool-sexo já imprime ao lugar.

Depois de um mês sem atividade a FUN FASHION retornou. Agora não se tratava mais de um “fiteiro”, mas de uma bicicleta equipada com dois isopores carregados de vinho e um sistema de som. *“O shopping tava preocupado com a reputação dele. Ele quis tirar a gente, mas a gente não saiu”* (José – 18 anos). *“Era uma rua, agora ficou maior, é uma encruzilhada e cada vez chega mais gente. Tá crescendo muito por conta do comentário”* (Mateus – 18 anos).

A mudança, da rua para esquina (especialmente insignificante, mas com grandes conseqüências no funcionamento do lugar), colocou a FUN FASHION no centro de um circuito de “lazer alcoólico-sexual” estruturado no local. O Restaurante Mustang, o Pithausen (um bar) e a boate 7 Cores (todos de freqüência GLS), os motéis da Rua Barão de São Borja e o próprio Shopping Boa Vista, muito utilizado pelos freqüentadores da rua (principalmente os banheiros e o *gamestation*), fazem parte desta “mancha”. Segundo Magnani (1996), a “mancha”, mais do que o “pedaço”, apresenta uma implantação mais sólida tanto na paisagem como no imaginário.

As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso – o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em um ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários (Magnani, 1996, p. 42-41).

O nome FUN FASHION tornou-se então uma denominação da “mancha” e não só do estabelecimento comercial em si, que agora concorre com diversas outras carrocinhas de alimentos, bebidas e CDs, que foram atraídas para aquela rua estreita e mal iluminada. “*A FUN FASHION agora é tudo isso, todas essas barraquinhas que ficam aqui na rua, tudo isso aqui, de um lado a outro, um ponto de referência*” (Mateus – 18 anos).

Tudo começou com um lugar para sair e beber na sexta à noite. Cresceu, mas depois se tornou um local com crises de incertezas de sua própria existência, até que durante um certo tempo as ruas já não eram mais movimentadas como antes, mas hoje está de volta e crescendo como antes. Livre para ser frequentada pelas mais diversas tribos, que vêm de todos os cantos para se encontrar em uma encruzilhada no centro da cidade do Recife em plena sexta-feira à noite, para beber, dançar, conversar e curtir a vida (Lucas – 18 anos).

Como dissemos, a segunda fase da FUN FASHION foi marcada pelo aumento do público e, principalmente, sua diversificação. Os penteados (longos,

curtos, raspados, espetados, *rastafari*, *blackpower*, franjas cobrindo os olhos) denotavam de imediato a grande diversidade de “tribos” que se aglomeravam no local. O ambiente em que predominava o preto dos “roqueiros” coloria-se com a presença cada vez mais forte dos “clubbers” e “emos”. O lugar passou a atrair também os grupos que habitualmente freqüentavam o Shopping Boa Vista, como é o caso dos surdos-mudos. Com a aproximação espacial ocorrida entre a FUN FASHION (referindo-me estritamente ao estabelecimento comercial) e o Pithousen (um bar tradicional do público GLS), houve um aumento na participação de homossexuais, que antes permaneciam à margem. *“Aqui tinha alguns que eram homossexuais, mas a maioria deles ficava do outro lado. Agora tá tudo muito perto. É um lugar só”* (Pedro – 19 anos).

O lugar conserva-se ainda como tipicamente jovem, mais houve um aumento na idade média dos freqüentadores de 14-20 para 14-35 anos em função da participação crescente do público GLS (mais velho). Mas a contribuição deste público não se restringiu a elevação da faixa etária, produziu-se também sobre o tipo de música executada no local. *“Antigamente era só rock e música eletrônica, mas agora já tá rolando até brega. Tem pra todos os gostos, uma diversidade muito grande. Foram os gays que trouxeram a diversidade”* (Mateus – 18 anos).

Hardcores, *headbangers*, góticos, *emos*, *clubbers*, *indies*, skatistas, travestis, toda essa “diversidade” em “um lugar só” convivendo em “harmonia”. O discurso que ideologiza a FUN FASHION é o da “diversidade” e o do “respeito às diferenças”. Já diz a sabedoria popular: “à noite todos os gatos são pardos”, e onde não há diferenciação não há contaminação (Douglas, 1976). É claro que eles percebem as diferenças, mas não erguem fronteiras. *“Aqui dá todo tipo de classe social. Não tem frescura homem e mulher. Rock e brega é tudo igual”* (José – 18 anos).

Essa mentalidade é atribuída ao ser “roqueiro”, que se orgulha de sua “mente aberta”. O lugar aparece nos discursos como um grande exemplo de coexistência pacífica. Em 2004 e em 2005 não presenciei nenhuma briga no local, e os únicos dois relatos que ouvi nessas ocasiões acerca disso referiam-se a situações originadas fora dali. Isso não quer dizer que provocações não existam

entre os grupos. Não faltam oportunidades para o preconceito ou para a “tiração de onda” entre as “tribos”. Hostilidades e brincadeiras ocorrem o tempo todo, quase sempre com um caráter sexual, mas sem maiores repercussões. Os “emos” são o alvo preferencial das provocações e também a forma prioritária de provocar. Se na FUN não se trocam socos, o mesmo não se pode dizer dos beijos. Desse modo, ao contrário do que ocorreu em relação a brigas, os relatos sobre assédios foram muito freqüentes. O assédio não se fazia só verbalmente, mas também com o “toque” e a “pegada”, e constituam a forma de sociabilidade por excelência daquele lugar. Fato que não se dá apenas com os homossexuais entre si, ou com os heterossexuais, mas entre ambos também, e daí não decorre conflito. Tudo é levado como brincadeira, e eles entendem que quem está ali, tacitamente, está disposto a isto. A FUN é o lugar da “pegação”.

É o uso daquele espaço comum, como reivindicação de liberdade, que caracteriza a identidade dos freqüentadores. Não é a roupa, a música, a classe social, a opção sexual. A “carteirinha” está associada à freqüência, à participação. Os consumos existem (da música, da bebida, etc), mas este espaço é marcado pela primazia do uso. Segundo eles, a liberdade é o que todo mundo quer, e ali eles a têm. Por estarem na rua eles se sentem livres. Mas não é o caso de se restabelecer a velha e, em muitos casos, falsa oposição entre a casa e a rua. Ora, casas abertas existem e ruas fechadas também. Assim, a FUN FASHION configura-se uma “mancha” em um sentido diferente daquele utilizado por Magnani (1996), mas significando aquela situação nas brincadeiras de “pega” em que o indivíduo se encontra “livre”. *“É um espaço público que tá na rua e que você pode fazer o que bem entender. Curtir a vida sem ser repreendido”* (Mateus – 18 anos).

A superexposição da sexualidade (junto com a exacerbação do álcool) acabam por definir o lugar como um ambiente do descontrole, da falta de normas, da devassidão, do caos moral, da pouca vergonha, e do perigo. Estes jovens, aparentemente dispostos a tudo para convencer os colegas de como são “livres” e “modernos”, escandalizavam os passantes com suas performances. Tenho vários registros em diário de campo das ocasiões em que os seguranças do shopping

mandaram alguns jovens sentarem “direito” na mureta da calçada. Segundo um dos seguranças, aquilo “pertencia ao shopping”, se eles quisessem “poderiam ficar sentados, mas deitados não”. Era bastante comum que os jovens se deitassem nessa mureta ficando um com a cabeça no colo do outro (independente de serem do mesmo sexo ou de sexos opostos). Quanto à prostituição, embora neguem ter conhecimento da ocorrência desta prática, alguns deles afirmaram conhecer quem prestasse favores homossexuais em troca de pequenas importâncias ou outros favores. Não tardaria para que o local se constituísse em objeto de assédio policial, que encontrava uma justificativa legítima no consumo de bebida alcoólica por menores de idade, se nada mais fosse encontrado.

Voltar para FUN FASHION hoje (2010) significou revisar as minhas observações de antes e ver até que ponto elas valiam para o mesmo caso seis anos depois, sobretudo em relação ao discurso do respeito mútuo e da tolerância. Tentei entrar em contato com outros dos meus interlocutores da época a fim de nos encontrarmos na FUN, mas alguns dos telefones que eu conservava desde 2004 não estavam mais em atividade. Dentre os que foram localizados, apenas um ainda era freqüentador do velho cruzamento, aquele que fora identificado como João, agora com 24 anos. O tempo todo ele dizia que “a FUN está muito diferente”, “a FUN não é mais a mesma”, “a FUN mudou muito”. Ele referia-se ao comércio de drogas no local, e a principal característica da FUN FASHION, o clima “pacífico”, como uma característica do passado. O tráfico e os freqüentes atos de violência datam mais ou menos da mesma época, três anos passados; e segundo João, são protagonizados pelos mesmos atores.

Marquei com João na varanda do Shopping Boa Vista (área reservada para fumantes) que oferece uma ampla vista do cruzamento onde as tribos se reúnem. Ele chegou com dois amigos, novos freqüentadores da FUN, e não demorou para que pudéssemos acompanhar lá de cima as cenas de violência das quais falávamos. As brigas não tomam grandes proporções, mas atrapalham a festa. Apesar de brigas terem se tornando freqüentes, o discurso do respeito mútuo e da tolerância permanece forte no local, que continua sendo definido nestes termos. Eles explicam que as brigas não estão ligadas as interações entre as “tribos” que

freqüentam a FUN FASHION, não dizem respeito aos estilos de cada um. Elas são promovidas por “estranhos” ao lugar, pessoas de fora que não têm o “espírito da FUN”, que vão para perturbar, xingar, realizar pequenos furtos... “Os freqüentadores da FUN aprendem a respeitar a diversidade” (João – 24 anos).

Em seis anos o lugar renovou seu público. A propaganda “boca-a-boca” é o mecanismo central dessa renovação, e mesmo os mais novos freqüentadores já reproduzem no discurso o “espírito da FUN FASHION”, que parece em nada ter sofrido com o aumento do consumo de drogas (e de sua venda explícita) e da violência no local. A presença de “galerosos”, não identificados como freqüentadores da FUN, permitiu o fortalecimento da identidade do lugar. A FUN FASHION continua sendo percebida como um “ponto de encontro”, um “lugar de pegação”, um “espaço para quem quer se divertir”, definido em termos da “liberdade” e do “respeito mútuo” (ainda que a comparação com o passado faça emergir um sentimento de saudade). Nesse sentido, FUN FASHION não é apenas o nome de uma “mancha”, define uma prática e um discurso, uma forma de se relacionar que vai se inscrevendo física e simbolicamente no espaço, estabelecendo nele limites e possibilidades. O espaço transforma-se em lugar, território emocional, cheio de significados, arquivo de lembranças onde se imprimem os rastros da nossa passagem (Benjamin, 1991; Bachelard, 2000; Tuan, 1983).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Movimentos difíceis de gerir insinuam-se astuciosamente pelas “brechas” da paisagem “hegemônica” da cidade (que se expande), e inscrevem nela paisagens “transversais” (que se encolhem), expressando demandas silenciosas de agências difusas. Eles constituem a dinâmica das cidades, o modo pelo qual alguns “lugares” desaparecem e “os outros” colocam-se no “lugar”, ultrapassando os limites fixados para o seu uso. São fantasmas que rondam a cidade disciplinar e que ela busca exorcizar, excluindo para esconder e escondendo para excluir. Relação íntima (de um encaixe) entre um uso “tático” que afaga a cidade (e a

prática), e um abuso “estratégico” que espanca o “outro” (e o impede de praticá-la).

A observação da FUN FASHION sugeriu um processo de reapropriação/reinvenção do espaço pelo/para o uso do lazer. Na(s) cidade(s), onde tudo cheira a desigualdade e exclusão, este espaço configura-se como uma “mancha” (neste caso, significando aquela situação nas brincadeiras de “pega” em que o indivíduo se encontra livre), um espaço aberto, sem fronteiras demarcadas (não as percebi e tudo leva a crer que não existem, ao menos por enquanto). Válvula de escape ou não, respondendo a toda exclusão, sob o nome de FUN FASHION, estes jovens construíram um espaço marcado pela liberdade, onde todos “se permitem”. Naquela escuridão, a cidade se (re)inventa, arranjando novas formas de sociabilidade, astúcias sutis, táticas, resistências, em busca da viabilização da vida.

Não se trata, no entanto, de negar as desigualdades, a exploração, os efeitos perversos do sistema capitalista, a ação repressora do Estado, as humilhações públicas, muito menos as fronteiras de classe e a segregação espacial. Mas trata-se, sobretudo, de iluminar as jaulas que segregam e confinam os grupos humanos lhes tirando a humanidade, de questionar o direito à cidade organizada pela técnica à serviço do Capital e de reconhecer a vitalidade das práticas em busca de um princípio de ação que anima mais do que ordena e reclama seu direito à cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. “Paris, a capital do século XIX”. In: KOTHE, F. (Org.). *Walter Benjamin*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1991.
- CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- DECÂNDIA, Lidia. “O Tempo e o Invisível: da cidade moderna à cidade contemporânea”. *Margem*, N. 17, São Paulo, 2003, p. 181-195.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7ª ed. Petrópolis, Vozes, 1994.

- DE MASI, D. *O Futuro do Trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. 6ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2001.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo, Perspectivas, 1976.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- KASPER, C. *Habitar a rua*. Tese (doutorado). Departamento de Ciências Sociais, UNICAMP, Campinas-SP, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O Pensamento Selvagem*. 2ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J. e TORRES, L. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1996.
- MELO, N. J. de A. *Barracas da beira da maré: relações de lugar e de visibilidade na cidade do Recife*. Monografia (Graduação). Departamento de Ciências Sociais, UFPE, Recife-PE, 2004.
- TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo, Difel, 1983.